



Entrelaçando saberes: agroecologia e educação ambiental na construção de novas perspectivas formativas

Intertwining knowledge: agroecology and environmental education in the construction of new formative perspectives

SOARES, Ana Maria D.¹; ESTOLANO, Lilian C. C.²; ALMEIDA, Vivian S.³
¹ UFRRJ, DTPE/IE, GEPEADSUFRRJ, PPGEA/UFRRJ, anamdsrural@gmail.com; ² UFRRJ, DTPE/IE, GEPEADS, PPGEDUC/UFRRJ, liliancordeiro@ufrj.br ; ³ UFRRJ, GEPEADS/UFRRJ, PPGF/UFRRJ, viviansoaresufrj@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: Este texto se propõe a refletir acerca das interfaces entre Agroecologia e Educação Ambiental, entrelaçando saberes e práticas desses campos de conhecimento, na perspectiva de formação de sujeitos capazes de contribuir, em seus territórios, para a construção de novos saberes e fazeres, com o respeito às realidades e culturas locais, aos saberes originalmente construídos, a partir das experiências de pesquisa e extensão desenvolvidas pelo GEPEADS/UFRRJ, em 20 anos de sua existência, em espaços educativos formais e não formais. Constata-se sobre a necessidade de construir novas metodologias que deem conta de atender às múltiplas e diversificadas realidades, à própria complexidade que constitui tanto a Agroecologia, quanto a Educação Ambiental, esta última ancorada numa perspectiva crítica e do fortalecimento de redes que intercambiem conhecimentos e práticas, num processo permanente de participação e aprendizado mútuo.

Palavras-chave: construção do conhecimento agroecológico; formação de educadores ambientais; rede de saberes.

Introdução

O cenário mundial contemporâneo vem apresentando cada vez mais desafios, instigando educadores a buscar novas perspectivas formativas, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, bem como em espaços educativos não formais, capazes de propor e construir medidas mais efetivas de enfrentamento à crise planetária, reforçando a necessidade de uma mudança de paradigma para a construção de um outro projeto de vida, de sociedade, de interação social, voltados para o Bem Viver, sobre o qual Alberto Acosta assim se refere:

O Bem Viver, sem esquecer e menos ainda manipular suas origens ancestrais, pode servir de plataforma para discutir, consensualizar e aplicar respostas aos devastadores efeitos das mudanças climáticas e às crescentes marginalizações e violências sociais. Pode, inclusive, contribuir com uma mudança de paradigmas em meio à crise que golpeia os países outrora centrais. (ACOSTA, 2016, p. 33).

Nessa direção, trazemos neste texto reflexões sobre os entrelaçamentos entre Educação Ambiental e Agroecologia, em suas múltiplas interfaces, como



possibilidade de efetivar práticas que possibilitem a criação e recriação de conceitos e metodologias, num processo dinâmico de mudanças, reforçando um olhar direcionado para epistemologias do sul, numa ruptura necessária e cada vez mais urgente, das amarras a que fomos historicamente submetidos como colonizados, subservientes ao saber colonizador.

Procuramos refletir acerca do acúmulo de discussões e pesquisas que vêm sendo realizadas, desde 2003, pelo GEPEADS (Grupo de Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade), da UFRRJ, especialmente no núcleo Seropédica/RJ. Ao longo desses 20 anos de atividades, em que várias gerações de estudantes buscaram aprofundar seus conhecimentos e desenvolver práticas em Educação Ambiental no âmbito da educação formal e não formal, temos percebido as convergências e interrelações entre a Educação Ambiental, em bases críticas, e a Agroecologia, tornando-as possibilidades reais para fazer brotar uma outra forma de sociabilidade e que podem servir de adubo orgânico e sistêmico capaz de fortalecer solos/mentes férteis e nos permitam esperar na superação da crise e na construção de um outro mundo, de um novo modelo de sociedade. O lócus principal onde se originam as construções teórico-metodológicas que alicerçam nossa reflexão, é o da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, envolvendo docentes da área de educação; estudantes de graduação de diferentes cursos de licenciatura e bacharelado; estudantes de pós-graduação, especialmente dos Programas de Educação Agrícola, Educação: contextos contemporâneos e demandas populares, Práticas de Desenvolvimento Sustentável, Ciência, Tecnologia e Inovação em Agropecuária, Agricultura Orgânica, Ciências Ambientais e Florestais e Fitotecnia.

Metodologia

Trata-se de trazer à discussão as interfaces, atravessamentos e entrelaçamentos entre a Educação Ambiental e a Agroecologia, como fruto de estudos e pesquisas realizados no âmbito do GEPEADS/UFRRJ, desde 2003, todas elas tendo como base metodológica a pesquisa participante, em suas diferentes dimensões, referenciada em Carlos Rodrigues Brandão e em autores latino-americanos, tais como Orlando Fals-Borda e Alfonso Mejia, todos eles inspirados em Paulo Freire, e com um pertencimento originário na Educação Popular.

Resultados e Discussão

Em nosso entendimento, tanto a Educação Ambiental, quanto a Agroecologia são campos de conhecimento necessariamente interdisciplinares, que interagem com as diferentes ciências, e, num processo constante de retroalimentação, se abastecem para criar e recriar novos conceitos, novas práticas e novas possibilidades de interação e de intervenção.

No atual cenário mundial e, mais especificamente, nacional, os valores, princípios e o ideário que vêm sendo construídos acerca da EA e da Agroecologia nas últimas



décadas, encontram-se ameaçados e invadidos, cada vez mais, pela visão colonialista da modernidade, sob o império do capital, que devasta e alastra, em sentido lato e estrito, pragas e venenos de diferentes nuances, sob a égide de um “desenvolvimento sustentável” que não respeita as construções históricas dos povos tradicionais e a própria sobrevivência planetária, como bem destacado por Ailton Krenak, em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019).

Que nação estamos a construir, qual o projeto de sociedade, que relação estabelecemos com a natureza, olhando-nos como partícipes desse ambiente e não como seus proprietários? Qual o papel da Educação Ambiental nesse contexto? Como ela dialoga com outras ciências, como a Agroecologia? Esses questionamentos sempre estiveram presentes em nossas construções coletivas de projetos de pesquisa e extensão e, em nosso entendimento, reforçam a ideia de que todas as análises que se façam nessa ótica devem se embasar numa visão sistêmica sobre as possibilidades de vida e de sobrevivência em termos planetários, uma vez que há uma intrínseca relação entre saúde animal, humana e ecológica, como bem nos lembram Altieri e Nicholls (2021) que nos convidam a discutir a Agroecologia em tempos de COVID-19 e trazem dados e análises sobre os efeitos do projeto de agricultura capitalista, baseado na busca pela alta produtividade e, para isso se utilizando indiscriminadamente de agrotóxicos altamente nocivos ao ambiente e à saúde humana e animal. Do mesmo modo, refletiram sobre as técnicas a que são submetidos os grandes rebanhos, para produção em escala industrial (confinamento, com exposição respiratória a altas concentrações de amoníaco, sulfeto de hidrogênio etc. que emanam dos dejetos), e que não somente deixam os animais mais susceptíveis às infecções virais, como podem proporcionar as condições pelas quais os patógenos podem evoluir a tipos de vírus mais contagiosos e infecciosos.

Essas constatações nos levam a afirmar que a Educação Ambiental é fundamental para a disseminação do pensamento agroecológico, construindo processos educativos, formais e não formais, no campo e nas cidades, que possibilitem o entendimento e o aprendizado de práticas voltadas para uma vida melhor, com qualidade e dignidade para toda a população. Nos entrelaçamentos que vimos constatando entre esses dois campos do conhecimento, ressaltamos a importância do diálogo com as diferentes realidades encaminha para um compromisso que tanto a Agroecologia, quanto a EA crítica devem assumir, na perspectiva levantada por Kassiádo, que destaca, ao se referir à EA (o que para nós também se aplica à Agroecologia) sobre o compromisso de trazer a dimensão da realidade local, bem como a valorização dos saberes e fazeres das populações tradicionais que historicamente vivem em condições de vulnerabilização, invisibilidade, silenciamento e por vezes, criminalização, reconhecendo assim, outras epistememes. (KASSIÁDOU, 2019, p. 29). Essa autora, ao estabelecer um diálogo entre a EA crítica e o pensamento decolonial, sobretudo o latino-americano, apresenta contribuições muito interessantes e que nos desafiam a buscar as aproximações entre esses campos de estudo e suas interfaces, a partir do entendimento do conceito de decolonialidade defendido por Colares (2018).



Um outro entrelaçamento que deve ser destacado quando pensamos nas relações entre a agroecologia e as questões que são caras à EA, aquilo que nos lembra Assis,

a agroecologia, na medida em que possui como premissa básica uma produção agrícola que não agrida o meio ambiente, resgata a lógica da complexidade presente nas sociedades camponesas tradicionais, integrando propostas agroecológicas com outras voltadas ao desenvolvimento da agricultura familiar, a qual, em função da escala, favorece a conciliação entre a complexidade desejada e a supervisão e controle do processo de trabalho necessários. (ASSIS, 2006).

Observa-se desse modo que, assim como a Educação Ambiental, a agroecologia com toda a complexidade que a envolve, não é exclusiva de uma única área do conhecimento, pois, conforme destacam Caporal e Costabeber (2004) apesar de seu vínculo mais estreito com aspectos técnico agrônômicos, essa ciência se nutre de diversas disciplinas e avança para esferas mais amplas de análise, justamente por possuir uma base epistemológica que reconhece a existência de uma relação estrutural de interdependência entre o sistema social e o sistema ecológico (a cultura dos homens em coevolução com o meio ambiente).

Buscamos em Leff, quando discute a complexidade do saber ambiental, a inspiração para desenvolver uma EA que não se aperceba apenas da degradação ambiental que nos assola, mas olhe para a ancestralidade que nos construiu, buscando estabelecer diálogos entre os saberes, percebendo que

O saber ambiental não é o conhecimento da biologia e da ecologia; não trata apenas do saber a respeito do ambiente, sobre as externalidades das formações teóricas centradas em seus objetos de conhecimento, mas da construção de sentidos coletivos e identidades compartilhadas que formam significações culturais diversas na perspectiva de uma complexidade emergente e de um futuro sustentável. Consiste em um saber que faz parte do ser, na articulação do real complexo e do pensamento complexo, no entrecruzamento dos tempos e na reconstituição das identidades. (...) O saber ambiental constrói estratégias de reapropriação do mundo e da natureza. (LEFF, 2009)

Com esse entendimento, consideramos a necessidade de sair de uma visão reducionista de ambiente, compreendendo a complexa teia de relações que permeiam a sociedade contemporânea, as interfaces entre as diferentes ciências que possibilitam aprofundar a compreensão sobre os fenômenos, sejam eles ambientais, econômicos ou sociais, percebendo-os como interligados, em rede, entendemos ser impossível construir programas, projetos e atividades em EA, distanciadas dessa realidade complexa e desafiadora.

A Agroecologia, por sua vez, para se estabelecer e legitimar como um paradigma emergente, que rompe com as epistemologias e metodologias tradicionalmente desenvolvidas no campo das ciências agrárias, busca, a partir de um diálogo efetivo



com outras áreas do conhecimento, estabelecer-se em novas bases epistemológicas e metodológicas, que permitem uma pluralidade de perspectivas, onde não há supremacia de uma forma de conhecimento sobre outra, e sim uma complementaridade de saberes. Tal perspectiva demonstra, mais uma vez, um entrelaçamento entre esses dois campos – a Educação Ambiental e a Agroecologia.

Conclusões

Este texto não se centrou na apresentação de um projeto específico, mas buscou refletir sobre o aprendizado conquistado ao longo da existência do nosso grupo de pesquisa que vem, cada vez mais, buscando as interfaces entre a Educação Ambiental e a Agroecologia, na formação de sujeitos capazes de agir de forma propositiva, criativa e participativa da construção de territórios que se alicercem numa perspectiva de desenvolvimento socioambiental. Podemos citar como um exemplo de projeto exitoso no âmbito da formação de educadores em espaços formais, nos anos 2018-2019, a atuação de estudantes do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFRRJ em três unidades escolares do campo, situadas em áreas rurais na Baixada Fluminense, que procurou relacionar as temáticas do campo das humanidades à produção agrícola do entorno das escolas, bem como aos aspectos socioambientais da região. O levantamento de narrativas sobre as memórias das escolas e de sua ocupação no território da Baixada Fluminense reforçou em seus participantes a necessidade de uma percepção sobre o ambiente como espaço de produção de sociabilidades em interação com o ambiente natural. Pode-se perceber que as três unidades escolares cuja criação foi fortemente vinculada a um histórico local de produção agropecuária foram perdendo, ao longo do tempo, sua identidade como escolas do campo, além do distanciamento das práticas curriculares com essa identidade o que nos faz compreender a necessidade de superação da monocultura curricular assolada por uma prática pedagógica carente de sentidos de pertencimento¹. Aqui nos apropriamos do sentido que Vandana Shiva (2012) deu ao se referir à monocultura da mente e apontar para a necessidade de uma biodiversidade da mente.

Cumpramos ainda destacar que das experiências que vêm sendo desenvolvidas nos 20 anos de existência do Grupo, fica a constatação da necessidade constante de construir novas metodologias, ancoradas nos pressupostos da pesquisa participante, possibilitando uma maior inserção das comunidades aprendentes com as quais dividimos nosso próprio aprendizado, num processo de formação continuada. Confiantes nas possibilidades de nos fortalecermos através das redes que se entrelaçam e se conectam na defesa da democracia, da justiça, do respeito à diversidade, da dignidade dos seres vivos, entendidos como parte da natureza, e

¹ Nos referimos aqui ao Programa Residência Pedagógica onde o Curso de Licenciatura em Educação do Campo participou com 24 estudantes bolsistas que atuaram em escolas do campo nos municípios de Japeri, Nova Iguaçu e Paracambi, orientados por uma das co-autoras deste artigo, articulando os conhecimentos da área de humanidades com a Educação Ambiental e a Agroecologia.



da construção de um outro mundo e uma outra sociedade, reforçamos o nosso entendimento de que a Educação Ambiental, em sua perspectiva crítica e a Agroecologia, entendidas como modo de nos relacionarmos, de produzirmos e de consumirmos, podem e devem ser assumidas, em suas interfaces, como um paradigma formativo e estruturante pelo qual vale a pena lutar.

Referências bibliográficas

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos.** Editora Elefante, 2016.

ALTIERI, Miguel A. & NICHOLLS, C. I. Do modelo agroquímico à agroecologia: a busca por sistemas alimentares saudáveis e resilientes em tempos de COVID-19. *Desenvolvimento e Meio Ambiente.* Vol. 57, p. 245-257, jun. 2021.

ASSIS, Renato. L. de. Desenvolvimento rural sustentável no Brasil: perspectivas a partir da integração de ações públicas e privadas com base na agroecologia. In: *Economia Aplicada.* v.10, n.1, Ribeirão Preto. 2006.

CAPORAL, Francisco. R. & COSTABEBER, José. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios.** Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

KASSIADOU, A. Kassiadou, Anne et al. **Educação Ambiental desde El Sur.** Macaé: Editora NUPEM, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** Companhia das Letras. Edição do Kindle, 2019.

LEFF, Enrique. Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes. **Educação e Realidade,** Santa Catarina, v. 34, n. 3, p. 17-24, 2009.

MOTA NETO, J. C. Paulo Freire e Orlando Fals Borda na genealogia da pedagogia decolonial latino-americana. **Folios,** p. 3-13, 2018.

SHIVA, Vandana. **A tecnologia é uma religião?**
In: <https://www.publico.pt/2019/11/13/ciencia/entrevista/destruir-mito-tecnologia-religi-ao-nao-questionada-1893488>